

“O Ateneu” sob a perspectiva de Bosi e Schwarz

Prof. Ms.Doutoranda Magali Lippert da Silva¹ (IFRS/UFRGS)

Resumo:

O trabalho analisa a obra “O Ateneu”, de Raul Pompéia, sob a perspectiva dos críticos Alfredo Bosi através de seu ensaio “O Ateneu, opacidade e destruição” e Roberto Schwarz com “O Atheneu”. Inicialmente há uma demonstração de que os críticos analisados contrapõem a imagem predominante da obra que havia sido dada por Mário de Andrade em seu estudo publicado em “Aspectos da Literatura Brasileira”. Os ensaios de Bosi e Schwarz possuem pontos em comum na análise da obra proposta como a questão da “coesão de tons”, da superação de escolas e manifestos e dos desmascaramentos sucessivos presentes em “O Ateneu” e pontos de divergência como a questão da modernidade da obra, a ingenuidade de Sérgio e a análise sobre a identificação do personagem narrador com outros personagens do romance.

Palavras-chave: Crítica literária; “O Ateneu”; Alfredo Bosi; Roberto Schwarz.

1 Introdução

Muitos textos foram escritos sobre a obra “O Ateneu”, sobre o fato de o enredo se confundir com a biografia do próprio autor, Raul Pompéia. Quanto a isso, de fato, não há dúvidas, inúmeros estudos têm demonstrado as semelhanças entre a vida do autor e o enredo do livro. De qualquer forma, embora a bibliografia sobre o assunto seja considerável, optamos por certa objetividade, necessária ao bom andamento deste estudo, propomos, assim, trabalhar com dois ensaios críticos sobre a obra “O Ateneu”, são eles: “O Atheneu” de Roberto Schwarz escrito em 1960 e publicado na coletânea de ensaios críticos “A sereia e o desconfiado” e “O Ateneu, opacidade e destruição” de Alfredo Bosi publicado na obra “Céu, Inferno: ensaios críticos literários e ideológicos” cuja primeira edição data de 1988. A escolha desses dois autores deu-se por sua importância e relevância nos estudos críticos brasileiros estando, ambos, entre os maiores estudiosos de literatura do país. Os demais trabalhos citados servirão apenas de apoio teórico às considerações.

2 O Ateneu sob a perspectiva de Bosi e Schwarz

O que os dois ensaios têm em comum é a contraposição ao estudo de Mário de Andrade “O Ateneu” publicado em 1941 no livro “Aspectos da Literatura Brasileira”, nele Mário de Andrade declara que “O Ateneu” é uma obra de vingança e que Raul Pompéia é vingativo e impiedoso. O ponto de vista do autor, no que diz respeito à Pompéia, é totalmente negativo, ele o descreve como um revoltado de vida penosa e obra irregular. Mesmo afirmando que “O Ateneu” é uma obra-prima, Mário de Andrade enumera muito mais seus defeitos e o espelhamento com a vida de Pompéia do que as qualidades da obra, é o que fica evidente em passagens como: “E aqui entramos num dos traços conceptivos mais absurdos e mais trágicos deste livro: a insensibilidade de Raul Pompéia ante a idade da adolescência e o sentimento da amizade” (ANDRADE, 1972, p. 174).

Há, em Mário de Andrade, a certeza de que Pompéia agia com inconsequência e sem organização, sem interesse de estudo psicológico ou social. Na sequência ele afirma: “É curioso observar que fazendo da vida colegial do protagonista Sérgio uma tragédia sem remanso, Raul Pompéia não tenha sequer um momento de revolta contra o pai que o encafuou lá” (ANDRADE, 1972, p. 174). Hoje, boa parte dos estudiosos da obra de Pompéia afirma que Aristarco exercia também a função de pai, então a revolta de Sérgio/Pompéia contra Aristarco era contra o próprio pai, também um homem autoritário e insensível. Segundo Torres (1972, p. 21-22):

É que Aristarco, por uma transferência psicológica ou descolamento, encarnava, em toda essa trama edípica, a figura do próprio pai de Pompéia, o responsável involuntário de seu sofrimento e de sua revolta, despregando-o do regaço materno para um ambiente que lhe era hostil e insuportável.[. . .] Mário de Andrade, por não possuir conhecimentos especializados, não pôde compreender convenientemente a atitude, para ele estranhável, de Pompéia [. . .].

Está claro no texto de Mário de Andrade a antipatia pela obra e pelo autor de “O Ateneu”, suas considerações são duras, peremptórias, não há espaço para o vacilo, para a reflexão sensível, o autor é implacável nas críticas a Raul Pompéia: “Assim guardado, assim escondido em si mesmo, é possível que ele arrastasse consigo algum segredo mau, uma tara, uma desgraça íntima que jamais teve forças para aceitar lealmente e converter a elemento de luta e de realização pessoal” (ANDRADE, 1972, p. 177). A falta de cuidado e reflexão crítica de Mário de Andrade bem como o impulso em escrever um “texto raivoso” turvam-lhe a visão. O elemento de luta e de realização pessoal de Raul Pompéia foi, justamente, o que o levou a morte: a política. Foi na política que ele extravasou boa parte das suas revoltas e indignações.

No ensaio “O Atheneu” de 1960, Schwarz, já no início do seu texto, chama a atenção para o equívoco de Mário de Andrade que enfoca a orientação biográfica da obra “O Ateneu” em uma relação psicológica entre Pompéia e seu livro e não na vingança presente *no romance* (grifo do autor), há uma obsessão de acusação contra o autor de “O Ateneu” que cega as análises de Mário de Andrade. Escreve Schwarz:

O biografismo crítico, prêso a idéia do todo contínuo formado por autor e obra, tende a interpretar *distribuindo: o subjetivismo*, dado no tom e nas imagens, ilumina a psicologia do criador; os fatos, por sua vez, usam-se para estabelecer o *conteúdo* da criação. Consequência é o empobrecimento do texto, pois o que nele se objetivara, passando a ser parte sua, é visto como atributo do autor, ser vivo e inesgotável no papel impresso. Mesmo um excelente ensaio como o de Mário de Andrade, não escapa a esse quadro, que rouba ao romance de Raul Pompéia, a nosso ver, uma das dimensões mais modernas, a superação do realismo pela presença emotiva de um narrador (SCHWARZ, 1960, p. 25).

Enquanto para Mário de Andrade a obra de Pompéia “representa exatamente os princípios estético-sociológicos e os elementos e processos técnicos do Naturalismo” (ANDRADE, 1972, p. 184), para Schwarz há uma superação do Realismo: “A presença simultânea, em O Atheneu, de visualização e consciência visualizadora, coloca o romance nos primórdios da linha reflexiva que iria ultrapassar os esquemas de Realismo e Naturalismo” (SCHWARZ, 1960, p. 26).

Para BOSI (1997) na “História Concisa da Literatura Brasileira” não se pode definir “O Ateneu” em sentido estrito, realista, e se já houve quem dissesse ser a obra impressionista, afetado pela plasticidade nervosa de alguns retratos e ambientações, por outras razões se poderiam nele ver traços expressionistas, como o gosto do mórbido e do grotesco com que deforma sem piedade o mundo do adolescente.

A obra “O Ateneu”, portanto, não é facilmente classificável. Schwarz, no ensaio já citado, consegue, magistralmente, fazer uma análise objetiva e breve, em apenas seis páginas perscruta o que Mário de Andrade não conseguiu fazer em doze. Schwarz enumera as qualidades do romance, a inovação, o domínio de Pompéia sobre o que é narrado (“a presença emotiva de um narrador”), independente da semelhança biográfica, e independente também de Pompéia querer criar ou marcar um estilo próprio, evita classificar a obra nesta ou naquela corrente literária, trabalha com a ideia de “superação” do realismo e do naturalismo, evitando forçar a imposição de um modelo que o defina, pois para Schwarz é justamente esta característica que dá a dimensão moderna da obra. Em “O Ateneu” há o *eu* literário, independente do autor empírico (SCHWARZ, 1960).

Bosi, por sua vez, em “O Ateneu, opacidade e destruição”, um ensaio bem mais longo (trinta

e cinco páginas) que o de Schwarz, prende-se mais a análise pormenorizada da obra, cita trechos e os analisa, sugere hipóteses. Há características em comum entre os ensaios de Bosi e Schwarz, entre elas a questão da *coesão de tons*, termo utilizado por Araripe Jr. e que é citado por ambos, em que fica clara a separação e aproximação simultânea entre passado e presente, entre Sérgio adulto e Sérgio criança. Para Schwarz (1960, p. 28): “A *coesão de tons* de *O Atheneu* (Araripe Jr.) atravessa e encorpa o contraponto de passado e presente, de experiência adulta e infantil; é o fator de unidade da obra”. E Bosi (2003, p. 51): “Nesse texto absolutamente singular pela sustentada *coesão de tons* (na expressão feliz do seu primeiro crítico, Araripe Jr.), as imagens alcançam mais de um estrato de significação, abrindo portas para uma leitura irisada, pedra de toque da obra de arte”. E Bosi segue na análise fazendo a divisão entre passado e presente como realidade vivida/imaginada e lembrança: “O que foi imaginação, agora é lembrança que se retém, se compõe com outras e se julga com o travo acerbo da crítica, isto é, da infelicidade” (p. 52).

Quanto a situar a obra em Realismo, Naturalismo ou Impressionismo, Bosi, ao contrário de Schwarz, tenta “ajustar” a obra, aponta traços e características que poderiam tornar a obra impressionista, expressionista ou qualquer outra coisa, admite uma superação, que chama de “superação precoce do naturalismo” (p. 68), no entanto, através de exemplos demonstra trechos de texto que poderiam ser considerados naturalistas, realistas, expressionistas, entre outros, ou seja, o crítico não se liberta de um esquema, ele desmembra a obra na tentativa de ajustá-la aos esquemas pré-existentes, mas sempre “pendendo” para o naturalismo, o que se justifica tendo em vista o contexto da época em que “O Atheneu” foi escrito, bem como as obras escritas pelos contemporâneos de Raul Pompéia.

Cita a ciência Determinista como um fator de interferência na obra, identificando o Naturalismo, como quando afirma:

Quanto à teoria de educação, se coerente com aquelas leis universais, deveria secundar os fortes e considerar como natural o esmagamento dos fracos e dos inaptos. Aquém e além dos muros da escola, “os deserdados abatem-se”. E pouco adiante: “Os débeis sacrificam-se; não prevalecem”. Até aqui, puro Darwin. É o princípio da seleção natural proposto na *Origem das espécies* havia tinta anos. (BOSI, 2003, p. 73)

Logo adiante Bosi (2003, p. 74) descreve os traços expressionistas: “O seu destino era sucumbir escorraçado: a agonia do menino, na cafua habitada de ratos e animaizinhos lóbregos, deu uma página pré-expressionista”. E segue adiante, citando, ainda, partes realistas, impressionistas, entre outras.

Já Schwarz prefere enfocar a discussão tendo em vista a aproximação e o afastamento da obra tanto com o Realismo como com o Naturalismo:

Ficou dada, pensamos, uma polaridade característica para o livro de Raul Pompéia: a ênfase sobre o sujeito narrador e a ênfase sobre o objeto narrado, ligados os dois pela emoção. Fosse exclusiva a primeira, estaríamos em face de um romance de vanguarda, no qual os objetos perdem sua estrutura específica, e só comparecem enquanto conteúdos de uma consciência particular, a ponto de fazê-lo desaparecer em favor da representação plena do objeto narrado. A presença simultânea, em *O Atheneu*, de visualização e consciência visualizadora, coloca o romance nos primórdios da linha reflexiva que iria ultrapassar os esquemas de Realismo e Naturalismo (SCHWARZ, 1960, p. 26).

Schwarz consegue um afastamento maior para analisar a obra, já Bosi, embora considere, como Schwarz, que a obra supera os esquemas de escolas e manifestos, tem dificuldade (aparentemente) de olhar a obra como algo absolutamente moderno (para a época), ele não parece perceber algo que está evidente para Schwarz: o desprendimento de criação artística de Pompéia e, em parte, “domínio” e “independência” em face dos esquemas preconcebidos. Curioso que o último capítulo do ensaio de Bosi chama-se “A arte de Pompéia e a conversão do Naturalismo”, neste capítulo Bosi discorre sobre a condição necessária para considerar-se uma obra moderna, afirma

que “A ‘conversão’ termo que implica dialetizar um estilo de pensar e dizer já esgotado aparece hoje como emblema de modernidade” (p. 79), espera-se que a qualquer momento ele dê mostras da modernidade de “O Ateneu”, mas ele não o faz, discursa sobre a modernidade, a arte, a prosa-poética, os autores franceses, e por fim, novamente nivela a obra a um esquema:

Como se podem imbricar a poética do autor e a estrutura da obra?

Em primeiro lugar observando que, se a arte é idealmente livre em relação à ordem social, a pessoa pública e histórica do artista evidentemente não o é, pois vive nela, e dela faz parte. Daí vem o dilaceramento entre a sua atividade criadora e o seu papel na máquina do sistema. Para organizar e estilizar este contraste de base exerce-se o trabalho do narrador personagem, Sérgio, que é memorialista e crítico. Como a sua arte enfrentará a “realidade” contra a qual se insurge?

O colégio, com todo o seu peso materializado em Aristarco-estátua de si mesmo, tem como correlato ideológico a tese da seleção dos mais fortes. Não há como fugir a esse *dado*; do contrário o Ateneu não seria o microcosmos que faz o ponto de vista passar do caso particular à lei universal. “Cada um leva às costas o sobredito da sua fatalidade”. “O que tem de ser, é já.” (BOSI, 2003, p. 84-85).

O crítico Bosi chama atenção, ainda, para as características rebeldes de Raul Pompéia e do espírito de tendência “anárquica” e “jacobina” do narrador, mas as características do personagem/narrador, sob a sua perspectiva, parecem estar demarcadas pelo território determinista em que este narrador se encontra, portanto suas dores, anseios e sensibilidade estão restritos a vivência em um ambiente onde impera a “lei do mais forte”:

Entretanto... pulsa no espírito do narrador um complexo ideo-afetivo de tendências anárquicas e jacobinas que, aceitando embora os princípios deterministas (senha, àquela altura, de progressismo), revolta-se contra as redes de opressão individual que essa mesma doutrina sanciona.

Se o universo é um todo lógico e fechado, se cada anel da cadeia dos seres se constitui pela ação da força, sem exceções, então, em que instância podem irromper a rebeldia a negatividade? (BOSI, 2003, p. 85).

Bosi lança a questão, mas não a responde diretamente, já finalizando o ensaio divaga que em um mundo sem dialética, a arte aparece como diferença irreduzível, e que se fosse confinada a limites intra-subjetivos, o seu outro nome seria loucura. Afirma, ainda, que na mente agônica do narrador de “O Ateneu”, ignora-se a possibilidade de uma consonância de feição idealista, hegeliana (BOSI, 2003). Mais uma vez Bosi nega a obra de Pompéia o conceito de Modernidade:

Ao regime da sociedade burguesa, “onde”- como diz soberbamente – “a razão da maior força é a dialética geral”, o artista responderá tão somente com o grau de terrorismo que lhe é possível exercer. Em outras palavras: n’O *Ateneu* a arte de narrar é entendida como possibilidade de destruir. *Mors tua vita mea*. Razão contra razão, verdade contra verdade. Ou... ou. (BOSI, 2003, p. 85)

Embora o crítico claramente considere “O Ateneu” uma obra de arte, uma superação de escolas e manifestos, ele não perde de vista o Naturalismo, ou seja, Bosi considera que Pompéia inova dentro dos limites naturalistas, a inovação está na sensibilidade ressentida do personagem/narrador/memorialista/crítico, mas não no romance.

Sendo assim, Raul Pompéia na condição de artista, pode, até certo ponto, criar um personagem narrador memorialista e crítico, mas a crítica relevante é resultado de uma série de representações sociais do próprio autor, do que ele vivenciou, pois, como afirma Bosi, a arte é livre em relação a sociedade e a ordem social, mas a pessoa, o artista, não é, ele é parte dessa sociedade, está inserido nela e, consequentemente, possui representações sociais que interferem no curso de sua obra e no comportamento de suas personagens.

Voltando a análise comparativa dos ensaios, podemos dizer que eles também têm em comum a discussão do “sentido de evocação” no romance, as emoções do personagem criança se confundem com a do adulto, há um sentimento profundo, o narrador Sérgio, já adulto, ainda sente a angústia, o medo, o terror da criança. Há uma coincidência entre passado e presente, o adulto

vivencia, através de suas lembranças, cada passo dado pela criança que foi, o que, provavelmente, foi determinante para a formação do adulto Sérgio.

Na página 28 de seu ensaio Schwarz lança uma questão fundamental: “Aonde e como é dado o tom do livro? Em primeiro lugar, na própria composição dos episódios, que são, essencialmente, desmascaramentos sucessivos”. Bosi, por sua vez, trata em seu ensaio justamente desses desmascaramentos que ele vai enumerando um a um: as tentativas de Sanches de seduzir Sérgio; o internato enquanto representação da sociedade; Aristarco que aparentemente se preocupa com as crianças mostra-se cobiçoso e insensível etc.

Portanto uma das características essenciais do livro, tanto para Schwarz quanto para Bosi é o do desmascaramento: “uma decepção desmascaradora, vestida e mascarada em retórica, encantada com ser radical” (SCHWARZ, 1960, p. 28). No entanto, é justamente nesse ponto que a diferença de análise dos dois críticos pode ser evidenciada, pois no ensaio de Schwarz não há juízo de valor quanto aos desmascaramentos, ele sequer cita passagens de “O Ateneu” que demonstrem o que ele afirma porque para ele toda a obra é radical, cheia de rupturas e denúncias e esta é a sua principal característica, uma experiência infantil vista por dentro com uma convicção dolorosa e feroz disposta a convencer não através de argumentos, mas de fatos vividos e expostos cruamente. Já Bosi, embora demonstre através de citações de “O Ateneu” traços destes desmascaramentos, o faz de forma aparentemente moralista, preocupado em justificar os sofrimentos do menino e denunciar a crueldade do sistema escolar, da sua pedagogia e da aquisição da educação enquanto mercadoria. Já no início de seu ensaio essa perspectiva é dada: “O Ateneu: Não sei de outro romance em nossa língua em que se haja intuído com tanta agudeza e ressentido com tanta força o trauma da socialização que representa a entrada de uma criança para o mundo fechado da escola” (BOSI, 2003, p. 51).

Bosi não faz a crítica apenas à obra como se supõe que um crítico literário fará, ele faz crítica ao sistema educacional da época, tomando como verdade o que é “relatado” pelo narrador-memorialista, ou seja, fantasia e realidade se misturam em uma análise que, essencialmente, deveria ser da obra de arte. Por exemplo: “Neste romance pedagógico, ou de terror, cada momento narrado esconde um risco eminente ou recorrente.”(p. 57). “A escola desvia o olhar que desejaria conhecer o mundo, talvez amá-lo. A criança engodada, tudo recebe sem defesa[. . .].” (p. 61). Há um capítulo, inclusive, intitulado: “Educação como propaganda”, em que é possível perceber o envolvimento do crítico com o narrador/personagem, ele se mostra quase solidário com Sérgio/Pompéia. Schwarz, por sua vez, faz uma análise totalmente racional, toma a essência da obra, exclusivamente o texto escrito por Pompéia, o mundo criado por ele, sem interferência do mundo concreto.

A única interioridade que se apresenta em “O Ateneu” é a de Sérgio, tudo é exposto segundo a sua perspectiva, ele descreve como se vê, como vê os outros, como os outros o vêem, a isso Bosi chama fenomenologia do olhar, o momento em que Sérgio se coloca na posição de ser visto, percebido, quando os olhares estão voltados para ele e, também, quando ele se percebe no outro, “Eu sou o Franco”. Franco é o fraco, o que será morto ou derrotado, na ciência determinista sobrevivem os mais fortes, e, segundo Bosi, quando Sérgio se coloca no lugar do colega, quando ele se sente o Franco, é quando ele se sente mais fraco, mais vulnerável.

Schwarz, por sua vez, vai mais longe na noção de “ser o outro”, para ele Sérgio também é Aristarco, que só é descrito em sua exterioridade:

O estilo pessoal de Aristarco e o estilo do livro, que dá conta de sua pessoa, são uma e a mesma coisa. Aristarco é o produto, cristalizado em figura humana, de um estilo que tematizou seu próprio modo de ser. A interioridade de Sérgio, narrador do romance, prova ser semelhante à do diretor, o grande escarnecido de *O Atheneu*. Aristarco é a condição humana implicada no romance, onívora, que devora seu próprio narrador. É somente neste ponto, engolindo-se, que *O Atheneu*, revela seu sentido pleno; fechado sobre si mesmo dá sua própria interpretação. (SCHWARZ, 1960, p. 30)

Excelente imagem de Schwarz quando se refere ao Ateneu engolindo-se. Personagens, narrador e a própria escola destruídos pelas próprias imagens confundidas umas nas outras “eu era o

Franco” “o Franco era eu”, pela corrupção, pela sociedade, pelo sistema, e por fim, pelo fogo.

Bosi subestima a capacidade de Sérgio em ser outro, ou seja, Sérgio percebe-se em Franco, o fraco, Sérgio é o menino que sofre, assim como Franco, o crítico perdoa Sérgio, como no episódio dos cacos de vidro semeados no fundo da piscina, porque o considera vítima do sistema educacional vigente:

Agora, a massa turva da água, que já propiciara formas perversas de contato, oculta instrumentos de morte. Cumpre-se o ciclo de violência que é a vida adulta aos olhos do narrador-memorialista. A calada cumplicidade de Sérgio, o remorso impotente que o rói durante uma noite de febre, as preces veleitárias na capela, tudo configura o seu itinerário por aquele círculo de angústia e transgressão a que o internato o lançara (BOSI, 2003, p. 56).

Bosi percebe como culpado o internato, não Sérgio ou Franco, ou Sérgio/Franco, a responsabilidade pela transgressão e pela angústia do menino que cometeu um ato de crueldade e covardia é única e exclusiva do meio em que ele está inserido, para Bosi, ao que parece, o menino não possuía livre-arbítrio.

Já Schwarz, não está preocupado em defender o narrador, percebe na narrativa e no destaque à figura do diretor a aproximação íntima entre Sérgio e Aristarco, isto é, o diretor toma conta do romance, a sua figura é tão importante, tão destacada e descrita com tanto ímpeto em sua exterioridade que se torna fundamental para uma análise interna do próprio narrador, de sua obsessão pela figura autoritária, ambiciosa e ao mesmo tempo envolvente de Aristarco. Então: “O Diretor, pode-se dizer, é a visualização do tom do livro, que é, por sua vez, o tom da vida interior de Sérgio” (SCHWARZ, 1960, p. 29-30). Sérgio também é Aristarco, ele é, na verdade, todos aqueles que descreve sob a sua perspectiva, seu olhar, seus sentidos e percepções, ele representa todos os personagens que compõem e os modifica conforme seus próprios sentimentos e bagagem moral e cultural.

Sendo assim, Sérgio não é só Franco, fraco, vulnerável, vítima, ele também é o algoz. Aí reside uma das maiores diferenças entre a análise de Bosi e Schwarz, há em Bosi uma fantasia de ingenuidade do narrador, já para Schwarz o narrador é o menos ingênuo de todos.

Outra diferença reside no papel de Aristarco enquanto personagem da obra, para Bosi, Aristarco é o personagem que simboliza o mal, a publicidade enganadora, a cobiça, que enfim, instala o terror: “Se o olhar de Sérgio se mostra, desde o primeiro dia de aula, viperino, o olhar de Aristarco, que paira em toda parte, mesmo quando materialmente ausente, é mola de um terror coletivo.” (BOSI, 2003, p. 64-65). O diretor do Ateneu é a personificação do mal, do medo das crianças, do inferno que representava a vida no internato. De qualquer forma, a figura de Aristarco não parece central ao olhar de Bosi, Sanches, por exemplo, o aluno que tenta seduzir Sérgio, tem o nome tão citado no ensaio quanto o diretor do Ateneu, Ema também figura como personagem de relevância acentuada, fato que, para quem lê o ensaio de Schwarz causa estranhamento, pois para esse último, Aristarco é a figura máxima do romance de Pompéia, “Aristarco devora seu próprio autor”, ele é o *tom do romance* na análise de Schwarz.

O ensaio de Roberto Schwarz é mais rico em argumentos e de maior relevância intelectual, o ensaio de Bosi apresenta maior volume de dados e uma análise diversificada da obra e do autor Raul Pompéia, o título: “O Ateneu, opacidade e destruição” apresenta inúmeras possibilidades de interpretação, pois tudo no romance “O Ateneu” é opaco, a água turva da piscina, a relação de Sérgio com os colegas, o comportamento de Ema, entre outras coisas. Sobre esta opacidade, Bosi afirma: “Enfim, o imaginário concebe o mal como opacidade absoluta, e contra o pecado sem remissão dos corpos sem luz atea os fogos do apocalipse (BOSI, 2003, p. 86).

O que não é opacidade é destruição: destruição de ilusões, de esperanças, da infância, do amor, da pureza, da possibilidade de amizade sem interesse, enfim, é uma sucessão de decepções que vão destruindo a representação de mundo de um Sérgio menino e construindo a do Sérgio adulto.

Analisando os dois ensaios com maior distanciamento é possível perceber que a linguagem

de Bosi é didática, solidária, dócil, Schwarz é acadêmico, “ácido” e direto. Escrito mais de vinte anos antes do texto de Bosi, “O Atheneu” de Schwarz, publicado em 1960, consegue ser mais inovador na análise, livre de convenções e sem preocupação excessiva com o biografismo do autor da obra analisada, Bosi não parece ter tido a preocupação de examinar o ensaio já publicado de Schwarz, tanto é que de forma quase reacionária relaciona o personagem/narrador ao personagem mais fraco do romance, Franco, o menino boicotado no internato, não há sequer uma resposta a Schwarz que relaciona o mesmo personagem/narrador a Aristarco, o algoz.

Bosi se mostra preso ao texto de Pompéia, desmembra parte a parte, analisa, faz reflexões de cunho moral, mas evita um parecer sobre a obra como um todo, quando tenta, faz de forma evasiva, distante, como quando propõe a discussão sobre “O Ateneu e a conversão do naturalismo” em que discute modernidade e arte sem, contudo, demonstrar onde se situa “O Ateneu” naquela discussão. Já os limites do ensaio de Schwarz encontram-se bem demarcados, ele analisa a obra como um todo, faz apenas uma citação que diz respeito à entrada de Sérgio menino no Ateneu, quando seu pai diz “Vais encontrar o mundo...” e o pensamento do menino na sequência, a partir daí o crítico Schwarz faz sua análise concentrando-se no tom do livro, os desmascaramentos sucessivos e a figura “onívora” do diretor Aristarco.

3 Conclusão

Diferenças entre Schwarz e Bosi não são novas e já foram analisadas pelo próprio Schwarz em ensaio chamado “Discutindo com Alfredo Bosi” publicado em 1999 na obra “Sequências Brasileiras”, o texto é uma reação à “Dialética da Colonização” publicado por Bosi em 1992, livro que aborda diversos assuntos relacionados ao processo de colonização*. O posicionamento de Bosi causou em Schwarz, segundo ele mesmo, um “discreto escândalo”.

O ponto principal de divergência entre Schwarz e Bosi, representado no ensaio, é o comprometimento do crítico Alfredo Bosi com o cristianismo, mais propriamente com a religião católica: “Com efeito, o crítico não é católico para uso apenas particular, mas também nas concepções e na escrita, o que traz uma nota inesperada ao debate, habitualmente agnóstico” (SCHWARZ, 1999, p. 61).

Boa parte do ensaio baseia-se na análise do quanto um crítico pode estar comprometido com uma determinada ideologia, seja ela política, religiosa ou qualquer outra, no caso de Bosi, religiosa. Schwarz vai tecendo sua crítica: “[. . .] o catolicismo de Bosi concentra-se na identificação, aprovação ou reprovação de atitudes, mais que na aventura objetiva a que estas se arriscam no interior da figuração artística.” (p. 62). Logo depois: “[. . .] observe-se também aqui o peso que teve na definição e dramatização do problema a religiosidade do crítico, para quem o universalismo cristão é uma perspectiva real, de todos os momentos.” (p. 63).

Não cabe aqui uma análise de contraponto entre a obra “Dialética da Colonização” de Bosi e a crítica de Schwarz, mas a evidente divergência entre os dois críticos, fato que pode, em parte, justificar as diferenças já analisadas acima entre os ensaios “O Atheneu” (SCHWARZ, 1960) e “O Ateneu, opacidade e destruição” (BOSI, 1988). Por exemplo, na página 65 de “Discutindo com Bosi”, Schwarz afirma:

Já na variante acrescentada por *Dialética da Colonização*, o pólo do progresso se prende a uma categoria de difícil definição, ora religiosa, ora jurídica, ora científica, mas sempre moral: é o *universalismo dos intuitos* – uma sublimação da igualdade e fraternidade cristã entre os homens – que irá se chocar contra a organização iníqua da economia.

A moralidade percebida por Schwarz, o juízo moral que Bosi utiliza em “Dialética da Colonização” é um traço constante em seu ensaio sobre o Ateneu e que já foi exposto acima. Outra característica, já citada, de “O Ateneu, opacidade e destruição” diz respeito à crítica a obra Raul

* Agradecimento especial ao meu orientador de doutorado, prof.Dr. Homero Araújo, que instigou a discussão.

Pompéia e ao mesmo tempo a sociedade, representada pelo sistema escolar da época, quando, aparentemente, Bosi mistura fantasia e realidade em sua análise. Schwarz percebe isso também na “Dialética da Colonização”: “[. . .] e se movimenta entre erudição, crônica de coisas vistas e ouvidas, análise, convicções, decepções, perspectivas etc., sob o signo de aspirações contemporâneas” (p. 72).

Schwarz aprofunda a questão da diversidade com que Bosi aborda um tema, indo e voltando no tempo, porém com uma perspectiva contemporânea:

[. . .] a conjugação de estética, religião, moral e política, operada por Bosi num movimento em que resistência e desdiferenciação ou redução não se distinguem, atende por sua vez a aspiração moderna e até vanguardista de ignorar a separação entre arte e vida e de deixar para trás, verdade que sob dominante estética, aquelas separações clássicas da ordem burguesa. (SCHWARZ, 1999, p. 73).

A remissão a este ensaio de Schwarz tem em vista demonstrar que as observações feitas a respeito de “O Ateneu, opacidade e destruição” possuem fundamento, e que algumas características de Bosi, enquanto crítico, já haviam sido percebidas e analisadas. Para um pesquisador os dois ensaios possuem relevância crítica e científica e trazem dados que enriquecem os estudos sobre a obra-prima de Pompéia, no entanto, as diferenças evidenciadas precisam ser discutidas para que seja possível um maior refinamento e a convicção de uma análise profunda e rica de “O Ateneu”.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. **Aspectos da Literatura Brasileira**. 4.ed. São Paulo: Martins, 1972.

BOSI, A. O Ateneu, opacidade e destruição. In: _____. **Céu, inferno: ensaios críticos literários e ideológicos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003. p. 51-86.

_____. **Histórica concisa da literatura brasileira**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCHWARZ, R. O Atheneu. In: _____. **A sereia e o desconfiado: ensaios críticos**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 25-30.

_____. Discutindo com Alfredo Bosi. In: _____. **Sequências Brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 61-85.

TORRES, A. de A. **Raul Pompéia: (Estudo Psicoestilístico)**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1972.

Autora

ⁱ **Prof.Ms. Magali Lippert da Silva**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

e-mail: magali.lippert@poa.ifrs.edu.br